

RETOMADA DA PAISAGEM

Representação, audiovisual e singularidade

RESUMPTION OF THE LANDSCAPE
Representation, audiovisual and uniqueness

Francisco Maximila¹

Resumo

A discussão da escrita propõe uma análise a partir de passagens audiovisuais, colocando seus territórios em relação com a produção de singularidade e as noções de representação que emergem dali. E neste artigo busco o que está pautado principalmente nas obras audiovisuais *Desalambrar* (2019) e *Milonga Lejana* (2021), e que por meios de registros cartográficos inspirou desdobramentos, produzindo novos deslocamentos e registros de investigação. Tenho como principais teóricos: Gilles Deleuze, Félix Guatarri e Nelson Brissac Peixoto. A escrita está dividida por cinco pontos essenciais no meu processo cartográfico, um território: produção e percepção de território, uma imagem: a descoberta do próprio território a partir da produção artística, uma paisagem: o que está aos olhos de todos, outro território: quando a paisagem se transforma em imagem e por último o revisitar: visitar paisagens criando outras imagens.

Palavras-chave: fronteira, paisagem estética, audiovisual.

Abstract

*The discussion of writing proposes an analysis based on audiovisual passages, placing their territories in relation to the production of singularity and the notions of representation that emerge from there. And in this article I seek what is mainly based on the audiovisual works *Desalambrar* (2019) and *Milonga Lejana* (2021), and which through cartographic records inspired developments, producing new displacements and investigation records. I have as main theorists: Gilles Deleuze, Félix Guatarri and Nelson Brissac Peixoto. Writing is divided into five essential points in my cartographic process, a territory: production and perception of territory, an image: the discovery of one's own territory through artistic production, a landscape: what is in everyone's eyes, another territory: when the landscape is transformed into an image and finally revisiting it: revisiting landscapes by creating other images.*

Keywords: border, aesthetic landscape, audio-visual.

No soy de aquí, ni soy de allá.
Facundo Cabral

Um território

Território indefinido porque é desconhecido o ponto de partida. Assim como uma navegação para uma ilha desconhecida (SARAMAGO, 1997), o percurso desta escrita apresenta caminhos por um território ao sul da geografia do mundo mas também ao sul como a criação a contrapelo. Mais do que uma caminhada de partida e chegada, interessa perceber as retomadas de uma paisagem já vivida. Vivida. Portanto, interessa movimentar as reflexões instigadas entre o audiovisual, a educação e a produção poética.

A pergunta disparadora da reflexão aqui posta sobre como poderia se dar o audiovisual no âmbito escolar, foi desenvolvida no contexto da Licenciatura em Artes Visuais² e é retomada com ênfase nas questões entre o campo da arte-educação e de metodologias em audiovisual. Como essa ferramenta poderia ser utilizada, não somente como um conteúdo encerrado em si, e também para além da exibição, enquanto linguagem?

A partir da percepção da linguagem audiovisual, a apropriação dela enquanto ferramenta para minha produção artística promove uma importante reflexão sobre meu fazer enquanto um território de experimentação estética-educativa. Na contramão de uma escola positivista, essa produção de território através do audiovisual abre uma janela, uma nova possibilidade de apropriar-se, de perceber o lugar onde se vive. Outro indício e talvez o ponto de articulação dessa pesquisa, se dá a partir do percurso nostálgico a que me proponho percorrer; uma trajetória do meu deslocamento de vida.

Tal investigação, apresenta um lugar ao qual já não pertencço, ou ainda, quando do pertencimento a esse território por mim constituído se dá a partir dos meus percursos, trajetos, fazeres e atuação enquanto educador. **Perceber** um território como reivindicação dele mesmo e por isso a escrita propõe uma retomada da paisagem a partir das discussões sobre representação, audiovisual e produção de singularidade.

Dito isso, a discussão apresentada passa por essa outra geografia e linhas imaginárias criadas no meu percurso, visualizo o meu território geográfico da mesma forma que observo a fronteira, é uma coisa só, Uruguai e Brasil. É um entre-lugar e está sempre em movimento.

De maneira assertiva o território reverbera na produção poética e passa a ser discutido como tema principal na pesquisa, essa relação com o território permite visualizar e perceber os lugares, entre-lugares, lugares entre, enquanto sujeito produtor de cultura também na educação. A atenção ao território permite uma contínua narração da paisagem, estendendo a fronteira pelo deslocamento, a partir do lugar de onde venho até minha formação e produção artística. O papel do artista vai sempre além da sua obra, tratando primeiro a obra no resultado de um território explorado até aquele momento e que, por sua vez, essa obra vai agenciando outros territórios, trajetos, caminhos alternativos a quem a observa e a quem a produziu. Por exemplo, em um filme que é rodado em uma determinada localidade onde não é comum que suas ruas, habitantes e paisagens sejam representadas em uma obra audiovisual, percebo na

¹ Artista e realizador audiovisual, professor da rede municipal de ensino da cidade de Pelotas. Atua nos territórios fronteiriços buscando compor outras paisagens por meio de documentários, gravuras e outras linguagens artísticas.

² Trabalho de conclusão de curso: Entre-fronteiras: O (fazer-criação) audiovisual para habitar a borda. 2019. Cearte, UFPel.

escuta dos relatos³ de quando os moradores dos lugares se veem representados na tela quando o cinema se aproxima dos territórios ali pertencentes.

Tratar o território e conceituar o percurso poético em torno do fazer artístico por ele implicado, permite uma experiência estética em detrimento da anestesia a que estamos submetidos. Para além do percurso-território geográfico, enfatizo na minha produção seu potencial simbólico e subjetivo, já que possibilita a percepção de um “olhar estrangeiro” (PEIXOTO, 1989) permanente sobre as coisas, sobre o construir a cidade e a memória, sobre as fronteiras que habitam o percurso ao passo que o produzem.

Importante percebê-lo como um espaço de acontecimento, que realiza a fronteira ela mesma como um processo de ir e vir, como um território que invoca o deslocamento e o distanciamento daquele lugar, para então, retornar a ela como um espaço de limiares, um território fronteiro. O retorno aguça o olhar, o movimento de saída e retomada reapresenta o lugar já como outro, atualizado pela presença desse corpo em movimento. O lugar já é outro, e o seu olhar sobre ele também, visto que a cada deslocamento é atravessado por outras experiências, articulando outras fronteiras do pensamento e do fazer artístico.

Paratanto, a pesquisa inicialmente foi engendrada pela produção de um mapa audiovisual, uma cartografia, a fim de dar conta dos aspectos geográficos do território em estudo, e também das memórias, das subjetividades e dos atravessamentos que participaram da minha trajetória e constituição enquanto artista, ou ainda, os acontecimentos que produziram esta singularidade como os “processos de singularização algo que frustra esses mecanismos de interiorização de valores capitalistas” (GUATTARI; ROLNIK, 2010, p.55-56), desde o sul do sul.

A discussão da escrita propõe uma análise a partir de passagens audiovisuais, colocando seus territórios em relação com a produção de singularidade e as noções de representação que emergem dali. O percurso apresentado é resultado da pesquisa com a metodologia da cartografia que inspira tais desdobramentos, a fim de produzir novos deslocamentos e registros da investigação.

Nasci no ponto mais extremo sul do Brasil, a 20 quilômetros do Uruguai e 250 quilômetros da cidade mais próxima brasileira.

Hoje vivo em Pelotas, distantes 250 quilômetros de lá. O retorno ao meu lugar de partida, o pampa, um pampa de terra e mar, uma planície longínqua um lugar de ninguém, mas também de todos. Digo isso por estar em uma fronteira, pois a fronteira é isso, um lugar de passagem, mas também um lugar de quedar-se, um aquerenciar, porém, também esse lugar de partida para quem sabe um dia retornar. E meu retorno e o quedar-se não é físico e sim entender que esse território é o que me constituiu na maneira de perceber e ver as coisas em uma outra velocidade, diferente das velocidades das gentes e cidades do norte. Não há que considerar o hemisfério norte na bússola deste percurso, a geografia percorrida contém a gente do sul. Defender o território ao sul é por pensar sempre em um território latino-americano, avesso ao modo de vida que está imposto e ao qual nos identificamos. Pensar África, pensar América e referendar sempre os nossos. Quais territórios estão acima do meu sul? Os 250 quilômetros que distanciam Pelotas já configuram um norte e as representações mais além da sua posição nas relações cotidianas. Reconheço que a perspectiva norte

³ Estes relatos são oriundos da experiência em realização de projetos audiovisuais realizados em diversas localidades da fronteira Brasil e Uruguai.

e sul, hegemonicamente imposta por meio das cartas de representação, desconsidera também as relações menores dos territórios marginais inclusive contidos no norte.

Meu território, lugar que ainda me pertence, minhas raízes ainda estão lá nesse lugar onde nasci. As ramificações que vão se dando no decorrer da amplitude de um território é inerente a expansão da trajetória do sujeito, isto é, inevitável. No entanto o audiovisual Desalambar que produzi junto a pesquisa de tcc, foi um retorno as minhas memórias e raízes familiares. Porém, observar, visualizar, olhar, ver, mirar uma paisagem a olho nu é muito diferente, pois minha ferramenta de criação enquanto artista é a câmera, eu nunca havia visto a paisagem do lugar onde nasci a partir de uma câmera, isto é, quando insiro a câmera nesse lugar, nessa paisagem tão comum a mim torna-se outra coisa, pois já não a vejo da mesma maneira, quando a observo nos deslocamentos através da janela de um ônibus que percorre por aquela paisagem, ou quando caminho pelas ruas da minha cidade. A câmera na produção de um audiovisual me permite ver outra paisagem, eu enquadro de um outro ponto de vista, observo com um olhar estrangeiro sim.

E porque afirmo sobre esse olhar estrangeiro? Porque aqui estou falando da construção de uma imagem, de uma outra forma de ver, uma outra representação. As minhas memórias estão conectadas a todas as imagens que produzi e trago nesse audiovisual, por exemplo, as casas, ruas, calçadas, o cais do porto, o mar da praia do Hermenegildo. No entanto observar e retornar a uma paisagem vista como nunca antes, opera um olhar estrangeiro.

A primeira experiência com o cinema, foi no Cine Teatro Independência, em Santa Vitória do Palmar, quando aos domingos frequentava as matinês, onde eram exibidos filmes que já haviam sido lançados alguns anos atrás nas cidades brasileiras de maior porte, mas isso não importava para quem começara a tomar gosto pela tela e sala escura do cinema. Isso durou pouco tempo, já vivíamos o fim dos cinemas de calçada nas cidades pequenas. Era o fim do cinema nacional. O fim, 1991.

Pra contar um pouco da minha trajetória artística, não poderia deixar de falar sobre a minha família. Não venho de uma família que fez da arte um meio de sobrevivência, venho de uma família de uma mãe dona de casa e um pai caminhoneiro. Mas essa família é constituída de pessoas com habilidades expressivas diversas e sensibilidades a flor da pele, mesmo que, as vezes não tenham consciência de suas capacidades artísticas. Venho de uma família de pintores, escultores, poetisas e músicos, que sempre tiveram a arte presente em seu cotidiano.

Foi a partir dessas experiências do cotidiano familiar que vivenciei o fruir artístico, mesmo que inconscientemente, a arte estava lá. É a partir dessa vivência artística familiar e de um cinema agora fechado, é o que levo para a rua nas esquinas de uma cidade distante 250 quilômetros do resto do país, mesmo sabendo que ainda tem muita América Latina ao sul depois da fronteira.

Esquina

Aqui tudo é árido, as ruas são largas, os campos planos, poucas árvores, poucas pessoas pelas ruas, o frio é impiedoso, os blusões de lã feitos pela mãe é o pouco que nos aquece, mesmo assim estamos todos quentes na esquina de sempre, vagamos madrugadas ali parados entre cigarros, risadas e bebidas que nos encorajam.

Poderia descrever como uma cena inicial de um filme, até poderia. Falávamos sobre filmes? Não, pois o cinema já estava fechado a muito tempo. Falavam sobre o que?



Tudo, menos de filmes, não sabíamos quais filmes tinham sido lançados na última década. Essa esquina estava a 250 quilômetros distante do resto do país.

Uma imagem

Descobrir o próprio território é um exercício bastante generoso com quem o procura. E nesses trajetos em que vou vasculhando lugares comuns do cotidiano e redescobrendo elementos, que percebo o quão importantes são em minha formação. Porém, para chegar a essas descobertas e redescobertas, me apropriei da linguagem audiovisual, que de maneira despreziosa fui acostumando meu olho a criar imagens mesmo sem a câmera. Isto posto, se dá um processo de subjetivação em relação ao território aproximando-me das imagens por um nomadismo, quando:

O nomadismo selvagem da desterritorialização contemporânea demanda [...] uma apreensão “transversalista” da subjetividade, [...] uma apreensão que se esforçará para articular pontos de singularidades (por exemplo, uma configuração particular do terreno ou do meio ambiente), dimensões existenciais específicas (por exemplo, o espaço visto pelas crianças ou pelos deficientes físicos ou doentes mentais), transformações funcionais virtuais (por exemplo, mudanças de programa e inovações pedagógicas), afirmando ao mesmo tempo um estilo, uma inspiração, que fará reconhecer [...] a assinatura de uma criação (GUATTARI, 1992, p. 177) .

Aproximar o olhar para compreender o lugar onde se vive é importante para perceber a própria produção, mas esse educar não significa algo fechado, rígido, e sim uma abertura, permitir a olhar o seu próprio território. Demorei a perceber que esse lugar onde nasci e fui criado estava completamente ligado à minha produção, foi então que o meu olhar estrangeiro deu sentido àquelas imagens que até hoje fazem parte do meu imaginário.

Uma paisagem

Estar em uma planície é estender o olho onde o céu, o mar e a terra se encontram, são léguas de distância a perder de vista. Se olho para o mar, revoltado como é, quanto mais distante o olho alcança, parece que tudo vai diminuindo de velocidade até chegar a linha do horizonte onde tudo fica calmo e nada se movimenta, o mesmo é quando viro meus olhos para a o campo, as árvores e *pastizales* e os juncos dos banhados embalados pelo vento vão tornando-se lentos até parar lá onde a terra encontra o céu. Aqui neste lugar somos embalados, movimentados pelo vento, somos redemoinhos e fazemos do nosso lugar o nosso centro do mundo. Não somos de lugar nenhum, não pertencemos nem do lado de cá e nem do lado de lá da fronteira, entendemos anarquicamente que pertencemos ainda aos campos neutrais, não somos nem portugueses e nem espanhóis, somos tudo e não somos nada.

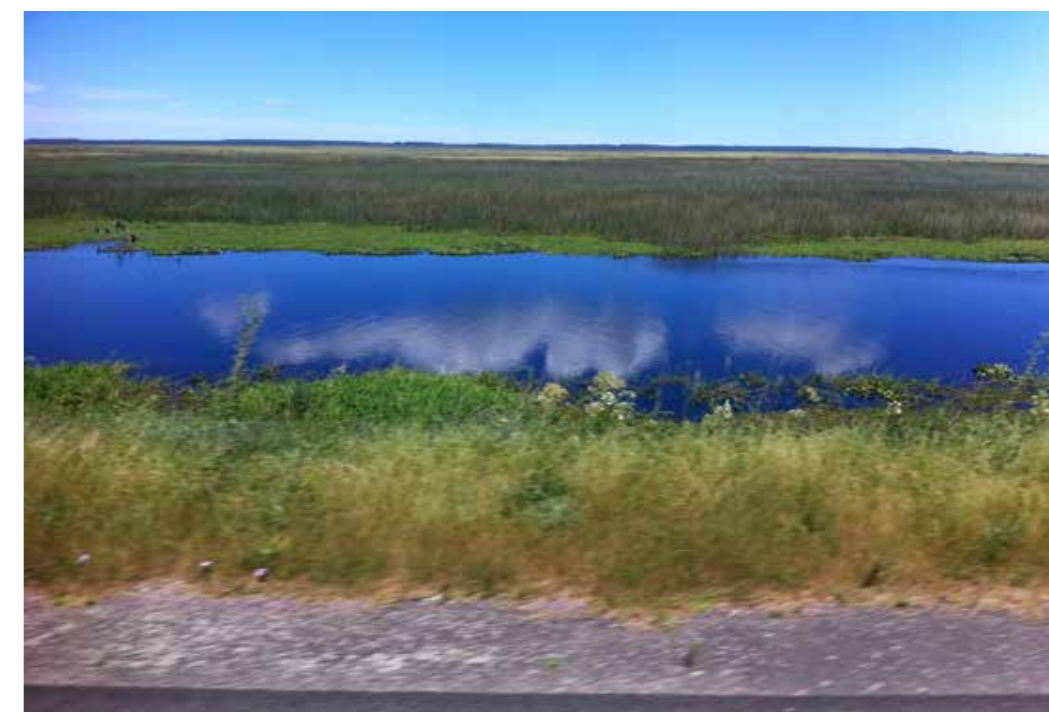


Figura 1 - Trecho entre Santa Vitória do Palmar e Pelotas. Fonte do autor, 2018. Figura 2 - Porto de Santa Vitória do Palmar. Fonte do autor, 2018. Figura 3 e 4 - Reserva ecológica do Taim. Fonte do autor, 2018.



Outro território

Entre repiques y panderos, la milonga se mezcla con el samba, no hay frontera para el viento y ni para la danza es un samba-milonguero donde todo mundo baila.

Al sur.

Hace tiempo que no vuelvo para la frontera, el sabor del viento, la gente, un buenos días, una charla en la calle, un mate, un hasta luego.

La playa de dos lenguas, el arroyo, ...al sur bien al sur... la cancha reta, La planura, las pladeras, al sur, bien al sur!

Chico Maximila

Discutindo a influência do território em minha produção é o tema que venho me propondo a refletir nesta pesquisa, pois a partir dele pude perceber, visualizar esses entre-lugares, enquanto sujeito produtor de cultura e educador. Percebendo a fronteira pelo deslocamento, a partir do lugar de onde venho até minha formação e produção artística.



A paisagem transforma-se em imagem na construção de um território.

Buscar elementos que compõem essa paisagem para a construção de um audiovisual é talvez como encher uma pequena caixa de relicário com coisas que ainda me pertencem, pertenceram ou estão por vir. Paisagens que pertenceram a outros olhos, palavras que foram ditas por tantos, o vento, o frio que me afeta no jeito de ser. E dessa maneira essa paisagem de longas planícies faz com que essa linha do horizonte seja tão distante que o olho quase não alcança, e provoca um estado de contemplação em outro tempo, lento. São planos longos, como os de Akira Kurosawa no filme Sonhos⁴ que nos transporta aos limites do visível, aqui colocando essa paisagem do pampa de mar e de terra. A paisagem fala sobre o comportamento do sujeito e seu habitat, é o que o constitui.

Enquanto prática cartográfica, me proponho a abordar sobre o que me afeta e as intenções de olhar. Olhar o que se olha. E é a partir da memória, do pensamento e da produção de signos que surge a provocação para ressignificar a minha produção imagética, através da bagagem criada a partir desse olhar estrangeiro durante meus deslocamentos.

⁴ Filme do cineasta japonês Akira Kurosawa, lançado no ano de 1990.

O ritornelo vai em direção ao agenciamento territorial, instala-se nele ou sai dele. Num sentido geral, chamamos de ritornelo todo conjunto de matérias de expressão que traça um território, e que se desenvolve em motivos territoriais, em paisagens territoriais (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.139).

Produzir a partir da linguagem audiovisual e não trazer a minha produção poética anterior, se justifica em pensar no processo do roteiro, vídeo e também a montagem, que possuem a estrutura de um mapa. São três processos distintos de ação para pensar a imagem, mas que estarão sempre abertos, nunca fechados.

O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. Ele contribui para a conexão dos campos, para o desbloqueio dos corpos sem órgãos, para sua abertura máxima sobre um plano de consistência. Ele faz parte do rizoma. O mapa é aberto, é conectável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como uma obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 30).

Um mapa geográfico por mais objetivo que seja na sua definição, inevitavelmente será subjetivo, rizomático, pois o trajeto pré-estabelecido pode deixar de ser a primeira opção, a possibilidade de tomar outro caminho está na constante necessidade de deslocamento. O roteiro é um mapa, que poderá me levar a outros lugares, outras paisagens, haverá outros percursos ainda desconhecidos. O mapa-roteiro é um guia nesse emaranhado de paisagens e sons que me habitam. Surgirá outro mapa, o mapa audiovisual pelo qual tentarei traçar meu percurso-território a partir desses elementos que me afetaram e ainda afetam, de maneira que eu possa fazer a prática do olhar estrangeiro em meu território, que, no entanto, poderei dar outro sentido na montagem.

Desalambrar

<https://www.youtube.com/watch?v=9Ks1683W2Nw>

Revisitando uma paisagem, uma imagem e um território

Desalambrar é interstício da produção que viria. Desalambrar foi uma abertura ao devir. Um território de avizinhamo de uma ideia que já havia sido feito, no exercício de pensar a paisagem nos planos abertos nesta obra. A discussão sobre a fotografia, sobre a direção já trazia apontamentos sobre planos longos, abertos por questões paisagísticas e principalmente por uma temporalidade que reside ali. Essa diferença do tempo percebido na paisagem do sul, enuncia outro personagem, outra gestualidade que deveria ser registrada.

Uma fotografia, uma paisagem pictórica, oferece um tempo da contemplação e da necessidade de enquadramento, de olho atento. Outra percepção de espaço surge aí, e outro território emerge na familiar Praia do Hermenegildo.



Praia do Hermenegildo. Extremo sul do Brasil, 1985. Plano aberto, câmera fixa, ao longe se vê um homem que caminha pela beira da praia, céu azul que encontra o mar na linha do horizonte, o sol brilha sobre as ondas, barulho das ondas vai se misturando ao som do motor de um carro que ainda não entrou em quadro, surge no plano um fusca verde que passa pelo homem que caminha pela beira da praia que agora percebe-se que está empurrando uma bicicleta.

Assim começa o registro de um território no curta-metragem Milonga Lejana, que compartilhei a direção com Felipe Yurgel. Quando decidimos fazer esse filme, na primeira conversa identificamos que o espaço geográfico seria essa grande extensão de areias praticamente inabitadas do litoral do extremo sul do Brasil.

A história nos leva ao fim da ditadura do país vizinho Uruguai, um exilado político espera a hora certa de voltar ao seu país. Um rádio, o mate e cartas recebidas são elementos essenciais para o desenvolvimento da história.

No entanto, a paisagem e o território é o que me interessa em trazer neste momento, digo isto pois a imagem que criamos a partir dessa paisagem de linhas retas e intermináveis, foram as de planos longos e muito abertos, também podemos observar o mar e a fronteira, elementos que juntos não são tão comuns aos olhos do norte quando pensam nesse território.

A distância, a amplidão, o horizonte, compreender essas paisagens para transformá-las em imagens e assim traduzir as memórias, o comportamento, o tempo, explorando outros caminhos, outros olhares sobre o mesmo território.

O acolhimento na história do filme trazia os registros de atenção que produzem a mim, que a partir da minha experiência neste território pude visitar essa gente que acolhe quem vai e precisa ficar. Faz parte do meu olhar e da minha trajetória esse acolhimento, assim também ir e precisar ficar. Essa é uma experiência inerente ao território fronteiro, das linhas de passagem e dos encontros em movimento.

Figura 9 - Frames do audiovisual Desalambrar. 2019.

Referências

- AGAMBEN, G. A imanência Absoluta. In: ALLIEZ, É. (Org.). *Gilles Deleuze: uma Vida Filosófica*. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Trad. Diogo Mainardi. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.
- DA SILVA, Luiz Sérgio Duarte. *O conceito de fronteira em Deleuze e Sarduy*. *LiberIntellectus*, v. 1, nº 1, junho de 2007.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 5. São Paulo: Editora34, 1997.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 1. São Paulo: Editora34, 1995.
- GUATELLI, Igor. *Arquitetura dos entre-lugares sobre a importância do trabalho conceitual*. São Paulo: Editora Senac, 2012
- GUATTARI, Felix. A restauração da cidade subjetiva. In: *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p.169- 178
- KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Liliana. (orgs). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- LANGIE, Cintia; ANDREAZZA, Rafael (direção). *A Linha imaginária*. Pelotas: Moviola Filmes, 2014. 1 DVD (26 min).
- LAPOUJADE, David. *Potências do tempo*. Trad. Hortência Santos Lencastre. São Paulo: n-1 edições, 2017.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Oficio de cartógrafo –Travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura*. Santiago: Fondo de Cultura Económica, 2002.
- MEZZADRA, Sandro; NEILSON, Brett. *La frontera como método*. Trad. Verónica Hendel. Madrid: Traficantes de Sueños, 2017.
- PALLASMA, Juhani. *Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos*. Porto Alegre: Editora Bookman, 2011.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. Olhar do estrangeiro. In: *O Olhar*. NOVAES, Aduino [et. al.]. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1988.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2011[1989].
- SANTOS, Regina Márcia Simão. A noção de mapa em Deleuze Guattari e as práticas educacionais em música. *Cadernos de Colóquio*, maio de 2000. Fonte disponível em: <www.seer.unirio.br/index.php/coloquio/article/download/26/3282> Acesso em 19 de jun. 2019.